

Oestrose

CLIMENI, Bruno Santi Orsi

SILVA, Mayco Samaroni Marques

ZANATTA, Júlio César de Souza

Discentes da Faculdade de Medicina Veterinária de Garça/SP - FAMED/FAEF

NEVES, Maria Francisca

Docente da Faculdade de Medicina Veterinária de Garça/S P - FAMED/FAEF

RESUMO

A Oestrose é uma patologia que tem como hospedeiros pequenos ruminantes (ovinos e caprinos). Esta doença é causada pela fase larval da mosca *Oestrus ovis* e é uma das principais patologias que atinge a ovinocultura. A oestrose também é conhecida como bicho da cabeça, rinite parasitária ou falso torneio.

Palavras chave: Oestrose, *Oestrus ovis*, obstrução nasal, ovinos

Tema central: Medicina Veterinária

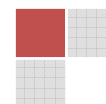
ABSTRACT

The Oestrose is a pathology that has as hosts small ruminants (ovinos and goat). It is caused by the *Oestrus ovis* (infecty form), that it causes one of the main pathologies that the ovinoculture reaches. More it is known as animal of the head, parasitic rinite or false match.

Key Word: Oestrose, *Oestrus ovis*, nasal blockage, ovinos

1. INTRODUÇÃO

A *Oestrus ovis* é um inseto conhecido como mosca nasal das ovelhas. Esta mosca ocorre em todas as regiões quentes onde sua forma adulta é mais ativa no



verão, com maior manifestação de manha e ao entardecer. A fase larval deste díptero é depositada nas narinas do animal e causa uma rinite parasitária. Estas larvas são parasitos obrigatórios dos seios nasais de ovinos ou caprinos. As fêmeas de *O. ovis* provocam grande inquietação ao depositarem suas larvas nas narinas dos hospedeiros. Os ovinos comportam-se tentando esconder as narinas contra o solo ou contra a lã do corpo e de outros animais.

O objetivo deste trabalho foi fazer uma revisão da morfologia deste inseto, seu ciclo de vida e da patologia desenvolvida no hospedeiro.

2. REVISÃO DE LITERATURA

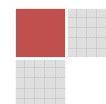
2.1 Classificação e morfologia

A *Oestrus ovis* é um díptero da família *Oestridae*. Durante a fase larval nas vias nasais, apresentam-se com até 1 mm de comprimento, e coloração branco-amarelada, sua extremidade anterior é afilada e possui uma faixa transversal escura dorsal em cada segmento corporal. As moscas quando adultas são acinzentadas com manchas abdominais pretas e revestimento de pêlos castanhos, do tamanho aproximado de uma abelha, deposita suas larvas de primeiro estágio nas narinas de ovelhas (FORTES, 2004).

As larvas irão se alimentar de tecidos infectados ou mortos e secreções durante alguns dias até que estejam completamente crescidas (SCALA, 2002).

2.2. Ciclo evolutivo

As fêmeas da *Oetrus ovis* são do tipo larvíparas e depositam suas larvas de primeiro estágio (50 a 60 larvas/postura) em vôos rápidos, ao redor das narinas dos ovinos e caprinos (YLMA et al., 1991; FORTES, 2004). As larvas migram para a cavidade nasal, seios frontais e maxilares onde realizam duas ecdises



transformando-se em larvas do terceiro estágio (L3). As L3 voltam às narinas, sendo liberadas por espirros ou por livre vontade e caem no solo e transformam-se em pupa. O período de pupa se completa em três a oito semanas, quando emerge a mosca adulta através do opérculo (RAMOS, 2004; FORTES, 2004).

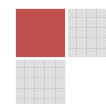
2.3. Sinais Clínicos

Segundo RAMOS (2004), os ovinos normalmente assumem uma postura de grupo muito particular para se defenderem das moscas, passando a disporem-se em círculo com as cabeças para o centro e abaixada. O grande problema deste parasita deve-se ao fato da sua presença dentro das cavidades nasal e nos seios paranasais provocando uma grande irritação e predispondo ao aparecimento de infecções secundárias.

Os sintomas observados são corrimento nasal mucopurulento (rinite traumática ou sanguinolenta) animais inquietos ou indóceis, espirros freqüentes, dificuldade respiratória, cegueira, incordenação motora, e quando a larva atinge o cérebro o animal perde o equilíbrio e muitas vezes andam em círculos, o ovino cai e não pode levantar podendo vir ao óbito. As larvas podem permanecer no animal de duas semanas à 10 meses (RIBEIRO, 1990).

2.4. Tratamento

O tratamento consiste essencialmente por administrar ivermectina aos animais como medida de profilaxia e tratamento. Para prevenção desta patologia deve-se integrar ao sistema produtivo os mecanismos de controle sanitário (vacinas; dosificações de vermífugos como ivermectina, doramectina e vermífugos fosforados; banhos e normas de manejo). Todavia, o método mais efetivo para um bom controle sanitário é iniciar-se com ovinos sadios, assegurar-se que todo o animal que entra



na propriedade esteja livre de doenças, (os animais adquiridos devem ser vacinados, banhados e dosificados antes de serem incorporados ao rebanho), e, finalmente, manter um programa sanitário. Em todo e qualquer ferimento devem ser feitos curativos freqüentes para evitar que as moscas pousem no local. Deve-se ter extremo cuidado com ovelhas que acabaram de parir, com o umbigo de cordeiros recém nascidos e feridos provenientes da tosquia (OLIVEIRA et al., 1981).

2.5. Controle

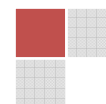
O controle pode se tornar difícil com o animal pós-infectado, pois o que deve ser feito é a prevenção na época em que mais ocorre, começando no meio da primavera e não deixando a larva se desenvolver (SCALA, 2002). Segundo RAMOS (2004) deve-se tratar o rebanho com vermífugos que combatam esta larva que ataca principalmente em épocas de muita chuva e calor.

2.6. Diagnóstico

Segundo DORCHIES et al. (1999), o diagnóstico é realizado pela verificação de nódulos inflamatórios parecidos com furúnculos, com drenagem de secreção sanguinolenta e a percepção dos movimentos da extremidade da larva no orifício fistuloso.

3. CONCLUSÃO

Conclui-se que na Oestrose caso o animal não seja tratado a tempo ou caso não seja feita a prevenção, este pode ter um atraso no desenvolvimento devido a inquietação ou mesmo vir a óbito, pois a infestação é muito rápida. As medidas de controle devem ser intensificadas em estações úmidas e quentes que são propícias para o desenvolvimento da mosca.



4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DORCHIES, P. et al., Ostrose du mouton et de la chèvre (*Oestrus ovis*, Liné 1761) en Afrique: résultats d'une enquête sur 3204 sérums provenant de neuf pays. **Révue de Médecine Vétérinaire**, v.150, n.5, p.463-466, 1999.

OLIVEIRA, C.M.B.; MELLO, J.R.B. Ocorrência de *O. ovis* L., 1761 parasitando caprinos no Brasil. **Arquivos da Faculdade de Veterinária UFRGS**, v.9, p.41-42, 1981.

RAMOS, C.I. et al. Epidemiologia das helmintoses gastrintestinais de ovinos no Planalto Catarinense. **Ciência Rural**, v.34, n.6, p.1889-1895, 2004.

RIBEIRO, V.L.S. et al. Prevalência e variações mensais das larvas de *Oestrus ovis* (Linneus, 1761) em ovinos no município de Bagé, RS, Brasil. **Arquivo Brasileiro de Medicina Veterinária e Zootecnia**, v.42, n.3, p. 211-221, 1990.

SCALA, A. et al. Chronobiology of *Oestrus ovis* (Díptera: Oestridae) in Sardinia, Italy: guidelines to chemoprophylaxis. **Journal of Medical Entomology**, v.39, n.4, p.652-657, 2002.

YLMA, J.M.; DORCHIES, Ph. Epidemiology of *Oestrus ovis* in southwest France. **Veterinary Parasitology**, v.40. n°. 3/4, p.315-323, 1991.

